

## MEMÓRIA E SENTIMENTO NAS NOTAS DE FALECIMENTO DA *REVISTA ADVENTISTA* NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Marcio Adriano Tonete Marcelino<sup>1</sup>  
Allan Macedo de Novaes<sup>2</sup>

### RESUMO

**Objetivo:** Este trabalho busca descrever como a pandemia de Covid-19 esteve presente nas narrativas fúnebres publicadas pela *Revista Adventista* (periódico centenário de circulação nacional) durante a crise sanitária, influenciando na constituição dessas memórias.

**Método:** O estudo se desenvolveu a partir da análise documental das notas de falecimento publicadas na seção Memória, espaço tradicionalmente dedicado aos obituários. Foram selecionadas apenas as notas de falecimento que mencionavam a Covid-19 como *causa mortis*. Sendo assim, das 376 divulgadas no período de junho de 2020 a setembro de 2021, 124 se enquadraram nesse critério.

**Resultados:** Foi possível perceber que a crise sanitária contribuiu para a ampliação da tradição de publicar obituários. Além de aumentar o número de páginas reservado às notas de falecimento, a revista criou um memorial on-line dedicado exclusivamente à memória das vítimas da pandemia. Isso permitiu que as famílias enlutadas pudessem prestar sua homenagem e gravar as memórias de seus entes queridos num contexto de negação do direito ao luto, restrições aos rituais fúnebres e sepultamentos rápidos.

**Conclusão:** O cenário pandêmico parece ter influenciado na constituição das memórias em si, considerando o fato de algumas dessas narrativas obituárias terem destacado atitudes positivas dessas pessoas apesar do cenário caótico. Além disso, a publicação das notas de falecimento das vítimas da pandemia parece ter assumido também o sentido de registro do que foi a própria crise sanitária e seu impacto no adventismo.

**Palavras-chave:** Pandemia; Obituários; Memória; Adventismo.

Recebido em: 01/03/2023

Aprovado em : 07/08/2023

DOI: <https://doi.org/10.19141/2237-3756.lifestyle.v10.n00.pe01549>

<sup>1</sup> Mestre em Missiologia pela Universidade Peruana Unión (UPeU). Editor de periódicos na Casa Publicadora Brasileira (CPB). **E-mail:** [marcio.tonetti@cpb.com.br](mailto:marcio.tonetti@cpb.com.br). (Brasil). **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-0953-0123>

<sup>2</sup> Doutor em Ciência da Religião pela PUC-SP. Professor da Faculdade de Teologia e do Mestrado Profissional em Educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). **E-mail:** [allan.novaes@unasp.edu.br](mailto:allan.novaes@unasp.edu.br). (Brasil). **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-2149-6001>

*MEMORY AND EMOTION IN OBITUARIES OF THE ADVENTIST MAGAZINE IN THE CONTEXT OF  
THE COVID-19 PANDEMIC***ABSTRACT**

**Purpose:** This work seeks to describe how the Covid-19 pandemic was present in the funeral narratives published by *Revista Adventista* (a centenary periodical of national circulation) during the health crisis, influencing the constitution of these memories.

**Method:** The study was developed from the documentary analysis of the death notes published in the Memory section, a space traditionally dedicated to obituaries. Only the death notices that mentioned Covid-19 as the cause of death were selected. Therefore, of the 376 published in the period from June 2020 to September 2021, 124 met this criterion.

**Results:** It was possible to perceive that the health crisis contributed to the expansion of the tradition of publishing obituaries. In addition to increasing the number of pages reserved for death notes, the magazine created an online memorial dedicated exclusively to the memory of the victims of the pandemic. This allowed the bereaved families to pay their respects and record the memories of their loved ones in a context of denial of the right to mourning, restrictions on funeral rites and quick burials.

**Conclusion:** The pandemic scenario seems to have influenced the constitution of the memories themselves, considering the fact that some of these obituary narratives highlighted the positive attitudes of these people despite the chaotic scenario. In addition, the publication of the death notices of the victims of the pandemic also seems to have taken on the meaning of recording what the health crisis itself was and its impact on Adventism.

**Keywords:** Pandemic; Obituaries; Memory; Adventism

**Introdução**

O tema da morte se enquadra na categoria das memórias mais traumáticas com as quais os vivos têm que lidar. Ainda mais quando o fim da vida ocorre em um contexto pandêmico, de isolamento, restrições aos rituais fúnebres, enterros rápidos e de interferências no próprio processo de elaboração do luto. É esse tipo de memória, concebida em tal cenário, que nos propomos a investigar neste artigo. O estudo foi desenvolvido a partir da análise documental das notas de falecimento publicadas na seção Memória, espaço tradicionalmente dedicado aos obituários, da *Revista Adventista* (RA), periódico produzido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) no Brasil.

Tendo isso em vista, aplicou-se o seguinte filtro: foram selecionadas apenas as notas de falecimento que mencionavam a Covid-19 como *causa mortis*. Sendo assim, das 376 divulgadas no período de junho de 2020 a setembro de 2021, 124 se enquadraram nesse critério. O acesso ao conteúdo se deu por meio do *Acervo Revista Adventista*.<sup>3</sup> Com base nesse recorte,

---

<sup>3</sup> A plataforma virtual do *Acervo Revista Adventista* reúne exemplares desde janeiro de 1906, data de lançamento da publicação, até janeiro de 2022, totalizando mais de 1.300 edições. O endereço eletrônico da plataforma é: <https://acervo.cpb.com.br/ra>.

procuramos descrever como a pandemia esteve presente nas narrativas fúnebres publicadas pelo periódico, influenciando na constituição dessas memórias.

### 1. *In memoriam*: as notas de falecimento na *Revista Adventista*

O poeta francês Jules Romains já dizia, conforme é lembrado por Joël Candau (2012, p. 139), que uma pessoa estará realmente morta no dia em que ninguém se lembrar dela. Historicamente os obituários têm cumprido o papel não apenas de comunicar falecimentos, mas sobretudo de imortalizar a trajetória de vida do falecido, buscando traduzir em poucas linhas a essência de uma biografia (SERVA, 2015, p. 21). Assim, desde a popularização dos obituários modernos, nos séculos XVII e XVIII (FOWLER, 2007; STARCK, 2004), eles estiveram intimamente ligados à preservação da memória, assim como estavam os epitáfios nos séculos XV ao XVII, conforme lembra Philippe Ariès em sua análise histórica da morte no Ocidente. Ao mesmo tempo que alguns prezavam pela discrição, ao trazer poucas informações do falecido, era comum que se transmitisse para a posteridade, por meio das lápides, o legado de quem morreu. Desse modo, expressões como “à ou em memória de” ressuscitaram o sentido romano de trazer à lembrança “uma vida com suas características e seus atos; uma biografia” (ARIÈS, 2014, p. 306).

Tradicionalmente, a mídia tem sido o principal espaço de produção e veiculação de narrativas *post mortem*, cujas funções envolvem a divulgação, homenagem, ritualização, elaboração do luto e especialmente preservação daquilo que familiares, amigos ou mesmo uma comunidade quer se lembrar sobre a vida de quem morreu.

Pode-se dizer que a designação “obituários” engloba um espectro bastante amplo de narrativas fúnebres, desde listas e notas de falecimentos até textos mais longos publicados em forma de reportagem ou perfil por ocasião da morte de alguém. Para Vieira (2014), trata-se de um tipo de texto que se desenvolve a partir da relação com outras formas de narrativas biográficas mortuárias. Por isso, ele argumenta que “epitáfios, legendas, elegias, eulogias e panegíricos, gêneros escritos e orais ao longo da história antecedem o obituário como possibilidade de representação da vida a partir do momento da morte” (VIEIRA, 2014, p. 24).

A divulgação de falecimentos é uma prática presente nas publicações adventistas desde os primórdios da denominação. Mesmo antes de ser oficialmente organizado, em 1863, esse movimento religioso já introduzira informações desse tipo em seus primeiros periódicos

denominacionais. É o que se vê, por exemplo, em edições de 1855 da *The Advent Review and Sabbath Herald*, precursora da revista impressa pela IASD até hoje nos Estados Unidos.<sup>4</sup>

Já no caso da *Revista Adventista*, produzida pela IASD no Brasil desde 1906, as primeiras publicações de notas de falecimento remontam a janeiro de 1908 (SPIES, 1908, p. 8), quando o periódico ainda se chamava *Revista Mensal*. No entanto, as notas de falecimento se tornaram mais frequentes aproximadamente uma década depois. Esses textos se reuniam em uma seção que já se chamou “O Fim da Jornada” (*REVISTA ADVENTISTA*, abril, 1940, p. 15), “Dormiram no Senhor” (*REVISTA ADVENTISTA*, maio, 1973, p. 22) e “Falecimentos” (*REVISTA ADVENTISTA*, janeiro, 1997, p. 30). A presença de fotografias nas notas de falecimento da *Revista Adventista* pode ser vista em algumas edições já da década de 1940, mas ganhou regularidade nos anos 1950 e 1960 - desaparecendo e reaparecendo em épocas posteriores. Como sugerem Hayashi, Marília e Hayashi (2021, p. 9), o registro visual, além de cumprir o papel de registro histórico, é também um reforço à lembrança não apenas de uma fisionomia, mas de uma vida.

Nos seus primórdios, a seção que trazia as notas de falecimento era bastante econômica na descrição que fazia dos falecidos. Porém, com o passar do tempo foram adicionadas outras informações, como a *causa mortis* e, mais recentemente, o dia/mês/ano do nascimento e óbito. Diferentemente do que ocorre nos periódicos que estabelecem critérios de seleção na publicação de obituários, a seção de falecimentos da *Revista Adventista* não tem um caráter seletivo. Com exceção dos casos em que não há informações suficientes, todas as notas de falecimento recebidas são publicadas (sem custo financeiro para a família), apesar de, em razão da demanda e do espaço limitado, algumas delas terem a publicação postergada.

Em influentes periódicos, como o *The New York Times*, a seção de obituários está entre as mais lidas (SUZUKI JR., 2008, p. 289). E com a editoria de falecimentos da *Revista Adventista* não parece ser diferente, conforme foi mencionado no editorial da edição de novembro de 2006 (LESSA, 2006, p. 2).

É importante notar que, no início, essas narrativas foram chamadas na revista pelo nome de “obituário”. Mas seu estilo se aproxima mais das notas de falecimento ou de pesar, que trazem basicamente o nome do falecido, idade com que morreu, dia/mês/ano de nascimento/óbito, um breve histórico e, por fim, a relação de familiares que deixou (cônjuge,

---

<sup>4</sup> O site *Adventist Archives* reúne documentos oficiais da denominação e disponibiliza a versão digitalizada dos principais periódicos publicados pela IASD desde seus primórdios. No caso do periódico em questão, estão disponíveis exemplares desde a primeira edição, de 1850. O endereço eletrônico é: [documents.adventistarchives.org](http://documents.adventistarchives.org).

filhos, netos etc.). Embora essa forma de ordenar os fatos relacionados à vida dos falecidos manteve mais ou menos o mesmo padrão ao longo do tempo, sobretudo a partir dos anos 2000 essa sequência passou a ser adotada de maneira mais rígida. O modelo seguido se assemelha ao discurso recomendado pela Igreja Adventista aos pastores que oficiam cerimônias fúnebres, pois o livro que traz esse tipo de orientação para o trabalho ministerial em tais circunstâncias sugere o seguinte:

O sermone fúnebre e o obituário, planejados para honrar a vida do falecido, podem ser combinados numa só elocução ou feitos separadamente. O sermone caracteriza uma recordação mais longa em honra da vida do falecido; o obituário dirige-se primariamente aos dados fatuais como data de nascimento, da morte, nomes dos sobreviventes e alguns eventos notáveis de sua vida. Algum fato alegre e bem-humorado pode ser lembrado nessa apresentação, pois ajuda a acalmar a tensão do evento” (GUIA PARA MINISTROS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, 2010, p. 196).

Nas primeiras décadas de adventismo no Brasil, período em que a informação demorava para chegar principalmente às regiões mais isoladas, as notas de falecimento eram uma forma de informar a comunidade adventista sobre o passamento de seus pares (NOVAES, 2021, p. 54). Mas também consistiam numa maneira de a liderança da IASD, em nível local ou regional, expressar seus sentimentos aos enlutados e oferecer consolo, reafirmando a doutrina adventista sobre a condição das pessoas na morte (NOVAES, 2021). Pode-se notar isso no seguinte obituário a respeito de quatro vítimas da gripe espanhola no Rio de Janeiro:

Cumpra á igreja do Rio desempenhar-se do doloroso dever de dar a triste noticia do passamento de quatro dos seus membros, victimados pela epidemia que ora vae arrastando milhares de vidas, a saber, as irmãs: *Joanna Gonçalves, Lucinda Ferreira, Hermelinda de Araújo* e *Anyceta da Silva*. Estas irmãs estavam servindo ao Senhor fielmente, obedecendo á Sua mensagem, e gosando a estima dos irmãos desta Capital. Nossa esperança é tornar a ver os rostos queridos no dia feliz da vinda gloriosa do Principe da vida. Que o grande Consolador abençoe e console os que ainda ficaram neste valle de peregrinação é o nosso ardente desejo.  
Pela igreja do Rio F. R. Kuempel (*REVISTA ADVENTISTA*, 1918, p. 18)

Ademais, nos primórdios da publicação, as notas de falecimento da *Revista Adventista* costumavam incluir a descrição dos ritos funerários (LOTZ, 1918, p. 17). Isso está relacionado ao fato de que, até por volta da década de 1980, era comum que o próprio oficiante do funeral redigisse o obituário e o enviasse para publicação. Por essa razão, boa parte dos obituários divulgados pela revista nesse período eram assinados por pastores, líderes da igreja local ou missionários estrangeiros que percorriam o Brasil naquela época. Eis um exemplo destacado da última edição do ano de 1918: “O abaixo assignado dirigiu a cerimonia fúnebre na casa mortuaria e no cemitério tomando por base Isa. 38: 17 e Job 19:25-27” (LOTZ, 1918, p. 17).

Geralmente, o sentimento de pesar e de solidariedade manifestados aos familiares eram expressos em primeira pessoa e concluíam as notas de falecimento. Isso era ainda mais assinalado nos casos de mortes de crianças, entre as quais a pandemia de gripe espanhola apresentou altas taxas de letalidade (COSTA, 2016, p. 15). Um obituário prestava, por exemplo, “os nossos mais sinceros pêsames” a uma mulher que, depois de ficar viúva, teve que sepultar um filho de 3 anos de idade, vítima da gripe espanhola, menos de um ano depois da perda do cônjuge (*REVISTA ADVENTISTA*, dezembro, 1918, p. 17). Com a mesma idade, a “filha risonha” de um casal de Rio Negro, no Paraná, também morreu poucos dias depois de ser “fortemente atacada” pelo vírus da influenza (*REVISTA ADVENTISTA*, março, 1919, p.10).

Ao longo do tempo, a seção de falecimentos da RA foi caracterizada por mudanças e continuidades. Uma das mudanças teve que ver com o fato de essas memórias passarem a ser escritas mais frequentemente pelos próprios familiares. Isso parece ter contribuído para a ampliação do foco no legado deixado pelo morto.

## 2. Sentimento de família e memória coletiva nos obituários adventistas

De acordo com Ariès (2014, p. 306), na Idade Média a preservação da memória de quem morreu ganhou força motivada pelo dever religioso de imortalizar a vida dos santos – e, posteriormente, também pelo ato de conservação dos atos heroicos da vida pública. Já nos séculos XVI e XVII isso começou a ser atrelado à afeição familiar, de forma que “as virtudes santas, guerreiras ou simplesmente públicas já não eram as únicas a assegurar o direito à imortalidade terrena prometida pelos epitáfios” (ARIÈS, 2014, p. 306-307). Por essa razão, as narrativas biográficas de motivação fúnebre tornaram-se a expressão do sentimento da família além da vontade do falecido, de maneira que os familiares passaram a ter um papel importante na transmissão da memória. Dito de outra forma, os familiares assumiram a responsabilidade pela representação da “memória biográfica do morto”, para que assim pudessem “honrar sua existência e garantir sua perenidade simbólica” (VIEIRA, 2014, p. 83).

Até o começo do século XX, boa parte dos obituários publicados nos jornais “eram escritos por familiares e amigos e não por uma estrutura fixa e profissional de jornalistas” (VIEIRA, 2014, p. 28). Esse continua sendo um aspecto importante na constituição da seção Memória da *Revista Adventista*, cujas notas de falecimento têm sido escritas geralmente por familiares ou pessoas próximas. Apenas em alguns casos, como nas notas relacionadas a personalidades ligadas à organização – incluindo pastores, administradores, escritores, professores, entre outros – é que às vezes os obituários são redigidos e divulgados por iniciativa dos próprios editores da revista a partir de informações veiculadas pela imprensa adventista.

Historicamente falando, o obituário cumpriu não somente as funções de respeito e memória do epitáfio, mas também assumiu outros papéis, como “oferecer um modelo exemplar de vida bem vivida” e “recordar o progresso e as conquistas de uma sociedade” (VIEIRA, 2017, p. 144-145). Os estudos de Luchetti (2017) ilustram essa realidade, ao mostrar como os elogios fúnebres presentes em obituários de revistas como o do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) apresentavam o arquétipo de um cidadão ideal, considerado em vida um promotor de ideais republicanos no início do século XX, como o patriotismo, o trabalho árduo e a humildade.

Essa perspectiva elogiosa também pode ser constatada em publicações protestantes e evangélicas. Campos (2016, p. 165) é um dos que argumentam que os “necrológicos”, termo utilizado por ele para se referir aos obituários ou notas de falecimento publicados pela imprensa protestante/evangélica, “ênfaticamente os aspectos positivos e morais da trajetória de vida do fiel falecido, eliminando conhecidas falhas eventualmente existentes”. Com características de discurso hagiográfico, Campos (2016, p. 165) afirma que é comum encontrar referências ao fato de que os falecidos “combateram o bom combate”, e que foram fiéis e modelos exemplares de fé até ao fim da vida, quando então “entregaram a sua alma ao Senhor” ou então, simplesmente, “dormiram no Senhor” (CAMPOS, 2016, p. 165).

Nas publicações adventistas do sétimo dia não é diferente. O estudo de Novaes (2021) sustenta que, já nos primórdios da seção de falecimentos da *Revista Adventista*, também havia a celebração da vida por meio de uma descrição elogiosa, mesmo que breve, do perfil e dos feitos do falecido. A ênfase, portanto, consiste em narrar os aspectos positivos da vida do falecido, de forma com que a narrativa seja coerente com os valores e o estilo de vida defendidos pela tradição adventista (NOVAES e MARCELINO, 2022).

Pode-se dizer que esse modelo tem sido reproduzido de maneira /intencional pela *Revista Adventista* desde suas primeiras edições, fazendo parte de sua linha editorial. A análise documental feita por Novaes e Marcelino (2022) apresenta as notas de falecimento publicadas pela *Revista Adventista* como necrologias que se concentram mais na trajetória de vida do que na morte em si, seguindo sempre um padrão elogioso. O periódico costuma destacar virtudes e realizações da pessoa que faleceu que refletem elementos do imaginário adventista quanto ao que é ser um crente fiel, entre eles: o testemunho de fé, hábitos devocionais (como o estudo da Bíblia), o bom testemunho, o envolvimento e assiduidade nas atividades litúrgicas e o comprometimento missionário (NOVAES E MARCELINO, 2022). Desse modo, as notas de falecimento apresentam-se como legados exemplares e modelos de vida, sintetizando valores individuais e coletivos da cultura religiosa. E, geralmente, o sujeito que participa da construção

da memória do falecido, por ser membro da mesma família ou próximo da pessoa que morreu, coloca-se na posição de testemunha viva dos fatos relatados.

Segundo a tese de Halbwachs, conforme nos lembra Rousso (2006, p. 94), “toda memória é, por definição, ‘coletiva’.” Ou seja: nunca nos lembramos sozinhos. Porém, Candau (2013, p. 84) questiona, por exemplo, a noção de uma *memória partilhada*, ao menos no sentido de que ela é articulada da mesma forma por um grupo de pessoas. Rousso (2006, p. 95) endossa esse pensamento ao defender que, embora as representações do passado não sejam compartilhadas “nos mesmos termos por toda uma coletividade”, as memórias individuais são socialmente orientadas. Pensamento que encontra certa correspondência com a argumentação de Candau (2006, p. 84-85), o qual a firma que “um indivíduo volta-se sempre para o passado, o seu ou o do grupo a que pertence, socorrendo-se mais ou menos dos quadros sociais em que ele vive”.

Esse entendimento também concorda com o que diz Vieira (2014, p. 28), para quem a cultura protestante teve um papel importante na difusão de valores sociais e religiosos por meio de narrativas de cunho biográfico ligadas à morte. Faz sentido pensar, portanto, que a retórica fúnebre presente nos rituais, epitáfios e obituários é sempre para os vivos (Campos, 2016). Ainda mais na tradição adventista, que, por entender a morte como um estado de inconsciência e inexistência absoluta, não se comunica nem pratica rituais voltados diretamente aos mortos (NOVAES, 2021, p. 48; ANDREASEN, 2011, p. 357).

Percebe-se que esse papel de *magistra vitae* também está implícito nas notas de falecimento das vítimas da Covid-19 que foram divulgadas pela *Revista Adventista*. Em alguns casos, as narrativas obituárias procuraram demonstrar como as adversidades provocadas pela crise sanitária tornaram essas virtudes ainda mais evidentes, tendo destacado principalmente exemplos de fé, compromisso com a igreja e solidariedade. Por exemplo, na homenagem prestada a Antônio Celso Cruz, que morreu aos 62 anos, é dito que, “mesmo quando não podia assistir aos cultos presenciais, passava no templo para deixar seu dízimo”, sendo colocado, assim, como um exemplo de fidelidade (*REVISTA ADVENTISTA*, setembro, 2020, p. 40). Semelhantemente, o obituário de Eder Rafael Luz, vítima de 53 anos, sublinhou que “mesmo debilitado no hospital”, ele manteve a atitude altruísta, “levantando-se e orando pelos demais enfermos” (*REVISTA ADVENTISTA*, maio, 2021, p. 48).

Por outro lado, a publicação das notas de falecimento das vítimas da pandemia parece ter assumido também o sentido de registro do que foi a própria crise sanitária. Um dos aspectos que chamam a atenção é o fato de as notas de falecimento terem se preocupado com a descrição do contexto da morte em si, como nos casos em que a pessoa passou vários dias entubada em

uma UTI (*REVISTA ADVENTISTA*, outubro, 2021, p. 46), e do impacto emocional causado pela pandemia. Exemplificando isso, o obituário de Sandra Vieira Olímpio de Souza, que morreu aos 58 anos, relata que, “antes de ser entubada”, ela “disse ao marido que estava em paz e preparada para a morte, pois se sentia nos braços de Jesus”. Já em relação a Manoel Rogério Camargo de Almeida, outra vítima da Covid-19, foi mencionado que, “ao saber que estava infectado”, ele “escreveu a seguinte mensagem para a igreja: ‘Estou com o vírus. Até a volta de Jesus. Encontro vocês na ressurreição dos justos’” (*REVISTA ADVENTISTA*, outubro, 2020, p. 45). Como se nota, o texto parece expressar o sentimento de proximidade da morte diante do contágio, ao mesmo tempo que reforça o apego à fé no momento de incerteza.

Apesar de os falecimentos divulgados representarem uma pequena amostra das vidas ceifadas pela pandemia no contexto adventista brasileiro, as notas divulgadas na seção Memória não deixaram de expressar o impacto da crise sanitária entre os membros da denominação. Dentre os grupos mais vulneráveis e expostos ao risco, pessoas idosas e profissionais da saúde perderam a vida por causa de complicações causadas pela Covid-19. Foi o caso de Isacc Gonçalves, de 57 anos, que, conforme informado pela revista, “trabalhava como enfermeiro na rede pública de saúde carioca” (*REVISTA ADVENTISTA*, junho, 2020, p. 43). Também houve casos de pessoas mais jovens entre as vítimas adventistas. É significativo que a nota de falecimento de Everton Ricardo Silva dos Santos, que faleceu aos 44 anos, tenha destacado seu histórico de atleta, tendo representado o estado em que morava em competições nacionais de voleibol (*REVISTA ADVENTISTA*, janeiro, 2021, p. 46).

Em alguns casos, as narrativas fizeram ainda questão de ressaltar perdas na mesma família, conforme exemplifica o obituário de Joacy Roque dos Santos, que morreu aos 63 anos: “Sua esposa, Miriã, faleceu no mesmo dia que ele, também de Covid-19” (*REVISTA ADVENTISTA*, julho, 2021, p. 46). Situação semelhante é apresentada na nota de falecimento de Gabriel Alves Meira, que morreu aos 88 anos. Nesse caso, o periódico informou que “a filha, Maria da Conceição, de 66 anos, faleceu também de Covid-19 20 dias depois dele” (*REVISTA ADVENTISTA*, novembro, 2020, p. 46 e 47).

### 3. Memorial on-line das vítimas da Covid-19 no cenário adventista brasileiro

A publicação de notas de pesar, listas de falecimento e obituários é, como já foi dito, algo bastante difundido na cultura ocidental de longa data. Porém, nos últimos anos essa prática vem ganhando terreno também nas plataformas digitais (SANTANA, 2011), abrindo caminho para novas possibilidades de construções simbólicas e modos de narrar a vida, a morte e o morrer.

No contexto brasileiro, alguns estudos sobre cemitérios digitais e memoriais on-line apresentaram importantes discussões sobre aspectos como os *rituais post-mortem* nas redes sociais, especialmente no extinto *Orkut* e no *Facebook*. A tese de Tomasi (2013), por exemplo, procura descrever o Orkut como espaço de processamento do luto, onde usuários compartilham a dor e o sofrimento por meio de imagens e textos públicos, a saber, depoimentos, testemunhais, recados e debates em fóruns de discussão. É um ambiente onde enlutados não somente publicizam sua dor e postam homenagens aos falecidos, mas também é um lócus no qual buscam uma espécie de comunicação com os mortos.

Outro estudo sobre o Orkut é o de Rezende (2011), que se concentra na análise da comunidade que reúne perfis de falecidos chamada “Profiles de Gente Morta”, que na época de publicação da pesquisa contava com mais de 75 mil membros. Considerando a comunidade como cemitério virtual, a pesquisa procura entender como a figura da necrópole é representada no contexto virtual. Há comparações entre elementos tanatológicos medievais como a arquitetura funerária e diversos elementos da comunidade no Orkut, como os “túmulos virtuais” e a exposição de fotos de pessoas mortas no caixão.

Por fim, a pesquisa de Rigo (2012) analisa o Facebook a partir de ideias de Zygmunt Bauman e Guy Debord, enfatizando a banalização e a espetacularização da morte nos contextos digitais.

Não se poderia deixar de abordar a pandemia de Covid-19 como um catalisador do fenômeno dos cemitérios virtuais e memoriais on-line. Estudos demonstraram que a pandemia teve grande impacto no processamento do luto e na ritualização da morte, devido à ausência de rituais fúnebres aliada ao distanciamento social (SILVA, 2020; SILVA, 2021; GIAMATTEY, 2020; GIAMATTEY *et al.*, 2022). As implicações e os desafios dessa crise pandêmica atingiram dimensões não somente religiosas ou sanitárias, mas também de saúde mental, uma vez que sofrimentos psicológicos como ansiedade, depressão, solidão e medo tornaram-se mais recorrentes em enlutados no contexto pandêmico que tiveram que lidar com o luto desordenado e novas formas de velar diante da impossibilidade do funeral “físico”. Esse cenário demandou estratégias não presenciais de demonstração de afeto e elaboração da perda por parte de agentes religiosos e profissionais de saúde, entre outros.

Portanto, os estudos desenvolvidos a partir da intersecção entre morte e mídias digitais trazem, especialmente no contexto pós-pandêmico, novas nuances a serem consideradas no que diz respeito aos ritos funerários, formas de expressão/elaboração do luto, memorialização e manifestações de crenças sobre o *post-mortem*.

Durante a pandemia de Covid-19, multiplicaram-se iniciativas dessa natureza, como os sites [inumeraveis.com.br](http://inumeraveis.com.br) e [memorialvagalumes.com.br](http://memorialvagalumes.com.br), que procuraram humanizar as mortes durante a crise sanitária global. No caso da *Revista Adventista*, o lançamento de um memorial on-line das vítimas da pandemia ampliou sua longa tradição nessa área. Foi em junho de 2020 que a RA começou a noticiar mortes provocadas pelo novo coronavírus. Nesse período, a publicação ampliou o número de páginas da seção intitulada Memória para atender à crescente demanda de vítimas da pandemia da Covid-19. Em vez de uma, a revista passou a dedicar geralmente duas páginas para a seção Memória. E, em abril e junho de 2021, chegou a três, fato bastante incomum. Conforme foi divulgado na própria plataforma, até agosto de 2021 a denominação já havia registrado a morte de 5,7 mil adventistas no contexto brasileiro. Isso levou a equipe do periódico a conceber um memorial virtual dedicado exclusivamente às vítimas da Covid-19 no cenário adventista brasileiro, chamado “Em memória”, acessado pelo link [memoria.revistaadventista.com.br](http://memoria.revistaadventista.com.br).

O projeto, que foi lançado em 2 de novembro de 2021, Dia de Finados, teve início com a reprodução de notas de falecimento que haviam sido publicadas originalmente na versão impressa do periódico. Para tanto, os editores da *Revista Adventista* contataram os familiares a fim de verificar se eles gostariam que a homenagem fosse reproduzida no espaço on-line e se autorizariam a revista a fazer isso. Dos cerca de 90 e-mails enviados, foram recebidas 56 respostas autorizando a republicação das notas de falecimento no memorial.

Após o lançamento da plataforma, além de continuar reproduzindo os obituários da versão impressa, a revista também incentivou as famílias a utilizarem o próprio site para prestarem sua homenagem, tendo preparado, inclusive, um guia para os leitores.<sup>5</sup> Ao falar sobre os objetivos do projeto, o texto menciona o seguinte:

Além de cumprir o papel de divulgação, homenagem e elaboração do luto, o [memoria.revistaadventista.com.br](http://memoria.revistaadventista.com.br) pretende dar uma dimensão aproximada do impacto que a pandemia teve entre os adventistas no Brasil e manter um registro, tanto impresso quanto virtual, da memória de pessoas que morreram em razão da atual crise sanitária (TONETTI, 2022, on-line).

É quase desnecessário dizer que os memoriais on-line ganharam importância em um contexto marcado, de certo modo, por uma política de banalização das mortes, bem como de restrições a rituais fúnebres e sepultamentos rápidos em razão das medidas de prevenção do

---

<sup>5</sup> O passo a passo de “Como homenagear as vítimas da Covid-19 no Brasil” está disponível no seguinte endereço: <https://www.revistaadventista.com.br/marcio-tonetti/destaques/memorial-da-pandemia/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

contágio pelo coronavírus. Baldini (2021, p. 69) descreve esse cenário pandêmico da seguinte forma:

No horizonte de uma perda seca, segundo Allouch, lidamos com uma tripla ausência: não há mais morte no grupo, não há mais morte de si e, como consequência, não há mais luto. Dito em outras palavras, a morte deixa de ser um fato social e não há mais o seu reconhecimento público no grupo; ela deixa de ser um acontecimento esperado e experienciado pelo sujeito e passa a se realizar escondida nos ambientes hospitalares, amenizada e marcada de pudor; por fim, em decorrência desses outros fatores, o próprio luto é tornado indecente e declarado como não sendo mais.

Poderíamos nos perguntar, assim como Michel (2010, p. 18-19), se é possível falar de uma política do esquecimento no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. Ao mesmo tempo, é necessário, conforme sugere o autor, manter em perspectiva que há diferentes tipos de esquecimento e reconhecer que nenhum deles existe “em um estado puro na realidade social e política.” Em sua tentativa de estabelecer uma tipologia, Michel diz que é possível falar de uma política de esquecimento somente quando há uma amnésia intencionalmente orquestrada pelos poderes em ação. De acordo com ele, entre os cinco tipos-ideais de esquecimento (esquecimento-omissão, esquecimento-negação, esquecimento-manipulação, esquecimento-comando e esquecimento-destruição), “apenas os três últimos vinculam-se rigorosamente a uma política pública de esquecimento uma vez que os fatos do passado ou personagens históricos são intencionalmente evacuados senão da memória coletiva, pelo menos da memória oficial” (MICHEL, 2010, p. 24). Mas, para Baldini (2021), é certo que projetos como o “Inúmeráveis” não deixaram de adquirir certo caráter de resistência frente a uma política de não-enfrentamento da crise sanitária.

Contudo, mesmo os espaços memoriais na internet que não assumiram, ao menos explicitamente, um caráter de protesto, como parece ser o caso do que foi projetado pela *Revista Adventista*, poderão desempenhar um papel muito importante como lembrança de um presente que, muito provavelmente, entrará na categoria dos passados que não querem passar.

Assim, a ideia de criar um espaço exclusivo dedicado à memória das vítimas da Covid-19 no cenário adventista brasileiro cumpriu, basicamente, três funções: a de homenagem, registro histórico e humanização das perdas em um contexto de banalização das mortes. Aliás, ao justificar a iniciativa, o texto de apresentação do site mencionou que “diversos memoriais on-line se propuseram a apresentar uma perspectiva mais humanizada das perdas, trazendo à lembrança aquilo que, por vezes, os números não conseguiram traduzir”. Papel este que também foi assumido, de certa forma, pela iniciativa no contexto adventista brasileiro.

Sem a limitação de espaço de uma seção fixa de jornal ou revista, o memorial on-line ampliou, portanto, as possibilidades de registro das memórias das vítimas da Covid-19,

ressignificando a tradição de limitar a seção de obituários apenas à versão impressa do periódico. Ao mesmo tempo, também poderia se questionar até que ponto esses espaços terão a capacidade de resistir ao tempo tanto quanto os obituários gravados no papel. A carta de um leitor publicada na edição de novembro de 2021 fez uma ponderação interessante nesse sentido, ao ressaltar o seguinte: “[...] é importante garantir que os registros publicados na plataforma tenham durabilidade para uma preservação tão prolongada dessas informações como vem ocorrendo na versão impressa da revista, desde 1908” (HOSOKAWA, 2021, p. 4).

### Considerações finais

Como foi descrito neste artigo, há mais de um século esse periódico dedica espaço à publicação de obituários. Nos primórdios da revista, esses textos costumavam ser escritos geralmente por líderes religiosos e missionários responsáveis pela realização do funeral. Isso ajuda a explicar porque, nessa época, as notas de falecimento costumavam descrever também os funerais. Porém, com o passar do tempo, as famílias, principalmente, assumiram esse papel, o que parece ter motivado uma ênfase maior nos aspectos biográficos e virtudes do que na morte em si. Isto é, daquilo que se gostaria que fosse lembrado por familiares e amigos, bem como pela comunidade adventista, o que leva a crer que elas também são socialmente orientadas.

Esse é um indício de que as notas de falecimento também têm, para além de uma memória individual/familiar, uma dimensão coletiva. Isso porque a ênfase nas virtudes e valores sociais e religiosos de indivíduos que deixaram legados exemplares parece retratar modelos de vida e elementos importantes do imaginário adventista, o que reforça a constatação de outros estudos de que a cultura protestante teve um papel importante na difusão de valores sociais e religiosos por meio de narrativas de cunho biográfico ligadas à morte.

No caso das notas de falecimento de vítimas do coronavírus divulgadas pela *Revista Adventista*, foi possível perceber por meio desta análise documental que a forma como essas pessoas reagiram à pandemia reforçou o discurso em relação aos legados exemplares. Uma evidência disso é que, em alguns casos, as narrativas obituárias destacaram atitudes de fé, compromisso com a igreja e solidariedade em meio à crise sanitária. Além disso, a publicação das notas de falecimento das vítimas da pandemia parece ter assumido também o sentido de registro do que foi a própria crise sanitária e seu impacto no adventismo.

Foi possível notar ainda que a pandemia de Covid-19 contribuiu para a ampliação e resignificação da tradição de publicar obituários que por décadas ocorria apenas na versão impressa. Isso porque a criação de um memorial on-line dedicado exclusivamente à lembrança

das vítimas adventistas da pandemia abriu caminho não apenas para novas possibilidades de construções simbólicas e modos de narrar a vida, a morte e o morrer, mas também para que as famílias enlutadas pudessem prestar sua homenagem e gravar as memórias de seus entes queridos num contexto de negação do direito ao luto, restrições aos rituais fúnebres e sepultamentos rápidos. Além de preservar memórias de pessoas, o espaço também favorece a lembrança/registro/memória de um momento da história que não pode cair no esquecimento, permitindo que a difusão do ideal do adventista fiel permaneça mesmo em contextos de crise pandêmica e processos circunstanciais de invisibilidade e esquecimento.

### Referências bibliográficas

ANDREASEN, Niels-Erick. Morte: origem, natureza e erradicação. In: **Tratado de Teologia: Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 353-389.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BALDINI, Lauro José Siqueira; NASCIMENTO, Elisa Mara do. “Esse verso é um pouquinho de uma vida inteira...”: os inumeráveis e a morte inominável. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 37, Número Temático, p. 67-90, janeiro, 2021.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantes brasileiros diante da morte e do luto: observações sobre rituais mortuários. **REVER**, ano 16, n. 3, set/dez, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/31185>. Acesso: 7 de out. 2021.

CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

FOWLER, Bridget. **The Obituary as Collective Memory**. New York: Routledge, 2007.

GIAMATTEY, Maria Eduarda Padilha. **Processo de luto diante da ausência de ritual fúnebre na pandemia da COVID-19: análise documental jornalismo on-line**. Dissertação de Mestrado em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

GIAMATTEY, Maria Eduarda Padilha *et al.* Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. **Escola Anna Nery: Revista de Enfermagem**, v. 26, 2022. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0208>.

LUCHETTI, Krishna. “Os conscios mais operosos e estimados no seio de nossa corporação”: os elogios fúnebres na revista do IHGRN (1906 e 1926). **Revista Práxis Pedagógica**, v. 5, n. 9, 2017. Disponível em: <https://periodicos.piodecimo.edu.br/online/index.php/praxis/article/view/378>. Acesso: 14 de out. 2021.

MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política do esquecimento? **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n. 3, ago.-nov. 2010.

MORAIS, Deyvid Santos. **Vidas contadas**: as biografias nos obituários de um jornal local. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

NOVAES, Allan. Consolo escatológico: cemitérios, morte e porvir em relatos e obituários adventistas durante a Gripe Espanhola (1918-1920). In **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 14, n. 40, p. 37-58, abr. 2021.

NOVAES, Allan Macedo de; MARCELINO, Marcio Adriano Tonete. Legados exemplares: a narrativa sobre a vida e as virtudes nas notas de falecimento da “Revista Adventista”. In **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 14, n. 32, p.220-236, maio/ago. 2022.

REZENDE, Renata. Um lugar para os mortos: os usos das comunidades virtuais como cemitérios digitais. **Anais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011.

RIGO, Kate Fabiani. Curtir? Compartilhar? Comentar? Chorar? Cyberespaço e suas manifestações sobre a morte no Facebook a partir da perspectiva da imortalidade de Zygmunt Bauman. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. Faculdades EST, 2012.

ROUSSO, Henry. **La hantise du passé. Entretien avec Philippe Petit, les Editions**. Textuel, 1998.

SANTANA, Fabíola de Jesus Soares. **A retórica fúnebre**: uma abordagem histórico-discursiva de epitáfios, obituários e memoriais virtuais. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SERVA, Leão (org.). **Um dia, uma vida**: seleção de obituários da *Folha de S.Paulo*. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

SILVA, Andreia Vicente da. Os ‘ritos possíveis’ de morte em tempos de coronavírus. **Dilemas: Revista de estudos de conflito e controle social**, Seção Reflexões na Pandemia, p. 1-12, 2020.

SILVA, Andreia Vicente da *et al.* Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de Covid-19 no Brasil. **Revista NUPEM**, v. 13, n° 30, p. 214-234, 2021, setembro a dezembro.

STARCK, Nigel. **Writes of passage**: a comparative study of newspaper obituary practice in Australia, Britain and the United States. Adelaide: Flinders University, 2004.

SUZUKI JR., Matinas (org.). **O livro das vidas**: obituários do *New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TOMASI, Julia Massucheti. **“Eternamente off-line”**: as práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil (2004-2011). Dissertação de Mestrado em História. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2013.

VIEIRA, Willian. **O obituário contemporâneo nos jornais e nas coletâneas**: uma discussão sobre gênero textual e sociedade. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_. Obituário ontem e hoje: do biográfico fast food a uma “literatura de jornal”. **Ilha do Desterro**, v. 70, n. 1, jan./abr. 2017, p. 143-159.

### Fontes primárias

**REVISTA ADVENTISTA**. Canal Aberto. Tatuí: fev. 2015, p. 4.

\_\_\_\_\_. Canal Aberto. Tatuí: dez. 2021, p. 4.

\_\_\_\_\_. O Fim da Jornada. Santo André: abr. 1940, p. 15.

\_\_\_\_\_. Dormiram no Senhor. Santo André: maio 1973, p. 22.

\_\_\_\_\_. Falecimentos. Tatuí: jan. 1997, p. 30.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: jun. 2020, p. 43.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: jul. 2020, p. 44.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: ago. 2020, p. 44-45.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: set. 2020, p. 40.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: out. 2020, p. 44-45.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: nov. 2020, p. 46-47.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: jan. 2021, p. 46.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: fev. 2021, p. 42.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: março 2021, p. 47.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: abril 2021, p. 47.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: maio 2021, p. 48.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: jun. 2021, p. 45-47.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: jul. 2021, p. 46-47.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: ago. 2021, p. 46-47.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: set. 2021, p. 46-47.

\_\_\_\_\_. Memória. Tatuí: out. 2021, p. 46.

LOTZ, L. Obituario. **Revista Mensal**. São Bernardo do Campo: dez. 1918, p. 17.

LIEDKE, Ernesto. Obituario. **Revista Mensal**. São Bernardo do Campo: março 1919, p. 10.

SPIES, F. W. Obituario. **Revista Mensal**. São Bernardo do Campo: jan. 1908, p. 8.